

APONTAMENTOS SOBRE A LÍNGUA E AS LINGUAGENS

1. As linguagens rigorosas são unívocas e artificiais, como o são as da lógica, da matemática, da física, da química e, tendencialmente, de todas as outras ciências.

Estas linguagens convencionais, apesar de poderem corporizar-se em signos distintos dos da língua comum, constituem-se a partir desta, e para ela haverão de poder ser traduzidas, sob pena de se tornarem sofisticadamente in-inteligíveis, e de encerrarem aqueles que as utilizem num autismo que eventualmente lhes dará a convicção de uma superioridade inexpugnável, mas que perigosamente os isola do mundo quotidiano da vida. Desta forma, e porque será necessário que expurguemos as palavras utilizadas da pluralidade de sentidos que possuem e expressamente lhe atribuamos um único significado, se constituirá, no interior da língua materna, um contexto significativo tão artificial que fica á margem da espontânea comunicação comum.

2. Atribuámos à língua materna uma função semiótica fundamental. Resta saber se ela é ou não a fonte de todos os sentidos possíveis, sendo por isso vã a pretensão de a manipular e corrigir, violentando os processos internos do seu evoluir.

E o tema é tanto mais urgente quando, nunca como hoje, a hermenêutica ganhou o estatuto de disciplina radical.

3. De acordo com as correntes que defendem essa posição, a interioridade subjectiva do homem teria como suporte a língua materna, e nela estariam também as raízes da sua mundaneidade; seria uma zona intemporalmente originária que as súbitas e fugazes iluminações poéticas, tal como a reflexão deliberada, só parcial e veladamente patentariam.

4. Reconheço que esta posição é, à primeira vista, sedutora e estimulante. Efectivamente, quando a Poesia e a Filosofia se entrelaçam, os impulsos intuitivos, as vivências afectivas e o próprio pensamento discursivo ganham asas. Pena que, lá nas alturas, corram o risco de perder o rumo da verdade...

Como a seguir veremos, por força de argumentos irrefutáveis, esta tese hermenêutica não é de aceitar. Mas antes de a deixarmos de lado, convirá compreender as razões que, a meu ver, levaram à sua formulação.

De facto a língua materna, como aliás qualquer outra linguagem, possui uma transfinita potencialidade expressiva. Recorrendo, como exemplo, ao

que se passa na linguagem musical, reparemos que nela já estava inscrita, como possível, a nona sinfonia de Bethoven que depois veio a ser por ele criada. Mas não nos iludamos: essa transfinita potencialidade expressiva da linguagem é meramente instrumental.

5. Como não quero ser mal interpretado, convirá esclarecer em que consiste essa instrumentalidade: ela é mais do que um simples meio; é a condição necessária para que o pensamento (em sentido lato) se objective e patenteie, não só para o próprio sujeito que o enuncia, mas para a comunidade aberta dos sujeitos que saibam expressar-se nessa mesma linguagem.

Pensamento e linguagem possuem todavia uma equívoca consistência ontológica.

Por um lado, o pensamento pensado pelo sujeito luta pela expressão e obscura e antecipadamente sabe quais as formas que lhe não convêm, aquelas que são apenas aceitáveis, e aquela outra, a última e definitiva, que cintila sem sombras e translucidamente o revela. Mas, mesmo quando atinge esta última, o pensamento corre sempre o risco de ser mal entendido. Ou seja: quer da parte daquele que o expressa e objectiva, quer da parte daqueles que captam o seu sentido objectivado, existem, muito provavelmente, divergências que se ignoram e o constituem assim como equívoca entidade ontológica. Além de equívoca, essa entificação ontológica de uma expressão significativa da linguagem é meramente potencial: só ganha corpo e poderá vir à luz no espírito de quem a entenda.

Por outro lado o pensamento objectivamente expresso, considerado em si mesmo, de autoria ignorada ou anónima, fica à mercê de uma variedade de interpretações. E a sua equivocidade ainda mais se acentua quando, assumindo o interprete o que há de pessoal na sua interpretação, se transforma em re-criador do que lhe é dado.

Mas a situação complica-se ainda mais quando a expressão linguística objectivada acontece não no mundo exterior da cultura mas na intimidade subjectiva de cada um; quando achamos que tudo se passa como se alguém pensasse e falasse dentro de nós. E o caso não é tão estranho assim. Quem não é forçado a reconhecer que a razão, de quem é orgulhoso titular, lhe não pertence mas o transcende e é em princípio comum a todos os espíritos? Quantos poetas são habitados por uma voz interior que muita vez lhes diz palavras que eles não entendem bem? E não há filósofos que chegam ao extremo de admitir que não têm uma vida interior autónoma, mas que é o Espírito que neles originariamente se manifesta?

Por tudo isto parece que a língua comum, para se depurar dos equívocos e enganos que lhe são essenciais, tende a desdobrar-se progressivamente em linguagens rigorosas, ou remete para um silêncio fecundo que é imperioso escutar. Quanto ao primeiro caso, nada a ôpor, dado que, como vimos, a convencionalidade das linguagens rigorosas as não isole e feche sobre si. O segundo caso parece-me inviável.

6. Tenho, com efeito, para mim que este extremo despojamento é inabitável pelo homem e resulta da convicção orgulhosa e temerária de que ele pode libertar-se da sua condição. A verdade é que somos terrenos e orgânicos com qualquer bicho; que estamos mergulhados numa temporalidade irreversível e que nela a cada momento nos dispersamos e recuperamos. Mas é verdade também que é precisamente essa quotidiana variedade existencial unificável que nos enriquece. E, se bem nos esforçamos, será na variedade equívoca dos discursos que criticamente encontraremos o sentido que deveremos seguir para que a nossa vida se cumpra.

De facto, – e repetindo – todos nós experimentamos que o pensamento vivo, mesmo o dedutivo, se constitui dinamicamente antes de atingir a precisa e definitiva expressão que deverá ser tão unívoca quanto possível. Mas quando se trata de objectivar e transmitir vivências em que a carga imagética e emocional é muito intensa, o ideal já não é o da univocidade: as palavras são escolhidas por serem expressivamente eficazes como metáforas, ignorando-se por isso, deliberadamente, os seus significados comuns. É assim que nasce a poesia. Aqui se levanta uma questão muito difícil que não quero deixar de lado apesar disso: a de saber qual é o fundamento da expressividade das metáforas. Obviamente que não tenho a pretensão de a analisar exaustivamente, e, menos ainda, de tentar resolvê-la. Limitar-me-ei a breves e preliminares observações.

Penso que todas as metáforas provêm, directa ou indirectamente, das mais fundas vivências que cada um tem do próprio corpo, designada e especialmente do nosso comum condicionamento sensorial, assim como das características do espaço qualitativamente diferenciado que todos habitamos. Tais são, entre outras, as metáforas da luz e da escuridão que respectivamente significam a auto-consciência e a inconsciência ou o nada; a metáfora do silêncio que exprime a ideia de algo que sustenta, possibilita mas pode absorver todas as manifestações; as metáforas do interior e do exterior, do centro e do horizonte, do vivo e do morto, do nascer e do morrer, do direito e do torto, do saudável e do doentio, etc., etc.. Quase me atreveria a dizer que a língua comum é toda ela feita de metáforas e de generalizações.

É claro que, no linguajar corrente, estas metáforas inevitáveis banalizam-se e acabam por não ser olhadas como tais. E o mérito dos poetas é precisamente o de as restituírem ao seu estatuto expressivo próprio e de criarem, a partir delas, novas metáforas que, por serem originais e nunca antes ditas e por pretenderem valer por si, carecem da confirmação do aplauso público.

É na comunhão dessas vivências nunca experimentadas que a poesia acontece e os poetas se consagram. Certamente que estou a falar da grande poesia e não da poesia menor que por vezes se limita a descrever directamente situações e sentimentos comuns (para não dizer banais) e que só vale, as mais das vezes, pela harmonia e pelo ritmo das suas composições.

7. Resumindo: cada qual constrói, com mais ou menos talento, sobre o solo insondável da língua materna, as linguagens de que precisa para se exprimir. Mas não fica prisioneiro dessa ligação. Nem esse matricial universo significativo lhe é consubstancial. Vários argumentos o comprovam:

- a) A língua em que fomos criados não se recebe gratuitamente com o berço, mas é fruto de uma continuada aprendizagem.
- b) A espontaneidade com que a falamos é ilusória pois resultou de uma longa habituação que se esqueceu.
- c) O facto de existir uma pluralidade de línguas materna mais prova o seu particularismo, e até a sua convencionalidade, do que a sua concreta e substantiva radicalidade antropológica.
- d) O caso das crianças que nascem cegas e surdas e que, com o exclusivo recurso de sinais tácteis, meramente convencionais, conseguem comunicar e ter acesso ao mundo da cultura.

Eduardo Abranches de Soveral